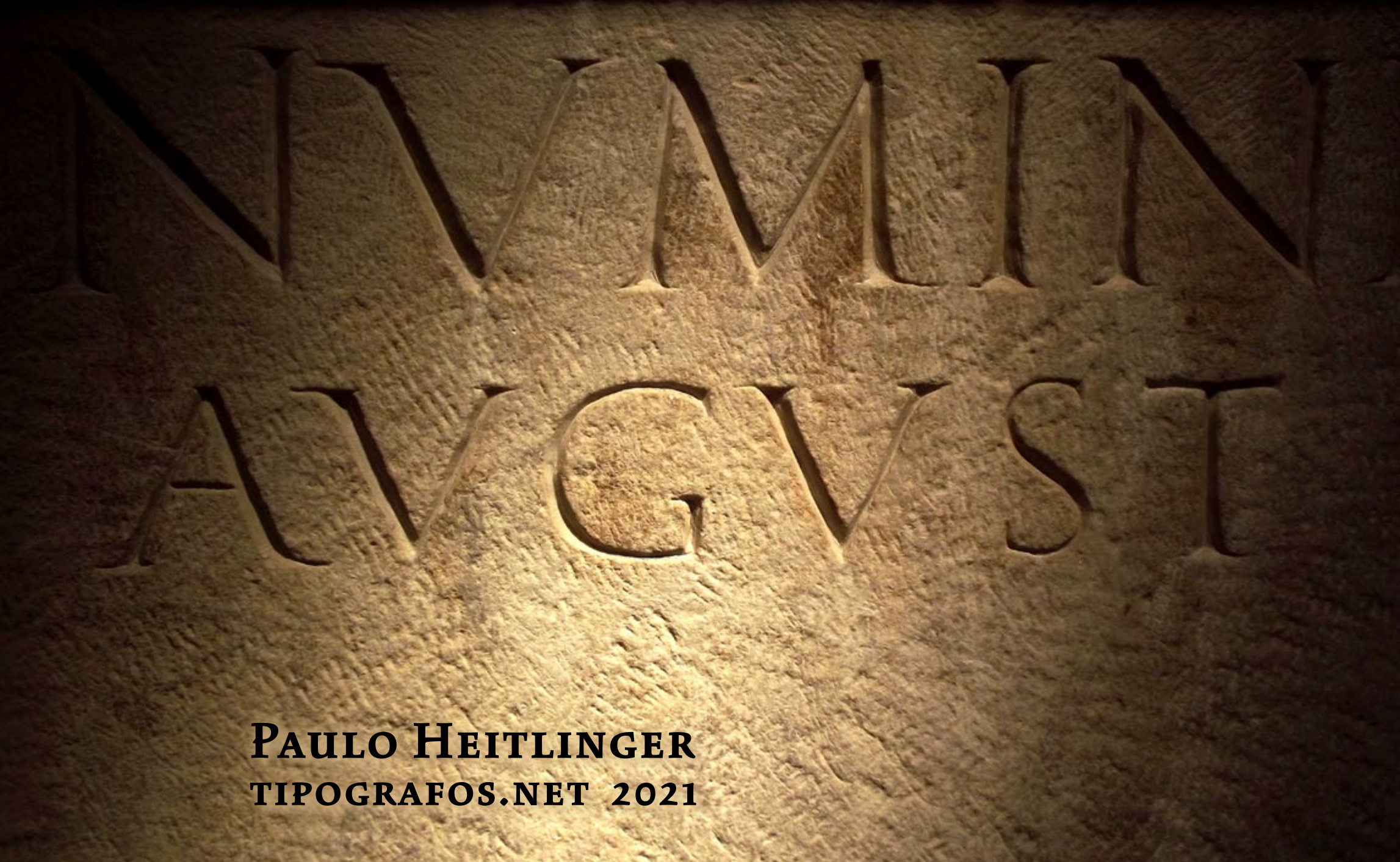


LETRAS DOS ROMANOS



PAULO HEITLINGER
TIPOGRAFOS.NET 2021

LETRAS DOS ROMANOS

Uma publicação da série de e-books.
Venda online em www.tipografos.net/ebooks
Autor e paginação: Paulo Heitlinger.
Colaboração de Birgit Wegemann.
ISBN: 978-989-95875-4-0
Copyright 2021 by Paulo Heitlinger.
Todos os direitos reservados para a língua
portuguesa e para todas as outras línguas.
466 páginas. 540 imagens.

Foto da capa: Epígrafe fotografada
no Lapidário do Museu Arqueológico
de Tarragona, Catalunha, por ph.
Ao lado: foto de Manuel Ramirez Sanchez.



COMO USAR ESTE E-BOOK: TIRE PARTIDO DA INTERACTIVIDADE

Aos leitores menos experientes em usar o Acrobat Reader, gostaria de lembrar que podem usar a função «Search» para procurar as ocorrências de qualquer palavra contida no texto. Basta premir Control + F para activar a janelinha de busca.

Se usar a versão **Acrobat 11** ou mais alta, poderá anotar os seus comentários directamente «em cima» deste documento, personalizando este seu exemplar.

O Índice remissivo (nas últimas páginas) e o Índice de temas (no início do livro) oferecem ao leitor links interactivos. Clicando com o rato sobre os números de página destes links, «salta» imediatamente para a página referenciada.

Também as referências cruzadas (...veja página xy...) oferecem esta interactividade. São facilmente identificáveis, semelhantes àquelas que vemos em páginas-web.

Os web-sites assinalados nos textos também permitem uma activação directa, basta clicar com o mouse, para activar o seu web-browser e abrir a página assinalada, directamente no web-site online. (Para que tal aconteça, terá de ter uma ligação online activada.)

VENDA DO FORMATO E-BOOK: TERMOS E CONDIÇÕES

Este livro digital (e-Book) é vendido em forma de exemplar personalizado, que identifica digitalmente o seu proprietário. O livro pode ser impresso pelo proprietário e partes escolhidas também poderão ser projectadas em sala de aula, por exemplo – se for esclarecida qual a origem deste documento e o seu autor.

O proprietário deste exemplar também poderá copiar curtos trechos de texto, para simplificar o processo de citações. Contudo, o exemplar comprado não poderá ser transferido a outras pessoas!

A «transferência» deste exemplar a outra pessoa que não o seu comprador é facilmente detectável e servirá para o autor optar imediatamente pelos procedimentos jurídicos que considere necessários, para salvaguardar os seus interesses comerciais e os seus direitos de autor.



TEMAS

INTRO.....	2	EPÍGRAFES	85	CURSIVA.....	284
Glossário	7	Capitalis Monumentalis	86	A Quadrata librária.....	293
Abreviaturas e sinais	9	MILIÁRIOS	125	DECADÊNCIA	300
FRAGMENTOS.....	10	CAPITALIS GEOMÉTRICA.....	130	Letras tardo-romanas	302
Introdução	11	CAPITALIS CONDENSADA	148	Versais orientais	305
EPIGRAFIA ROMANA.....	12	Letras largas.....	170	Inscrições paleocristãs	307
A primeira letra global	14	Letras riscadas	172	ROMANAS VISIGÓTICAS.....	315
O Latim.....	17	ESCULTURA E TEXTO	174	Evolução da versal visigótica	316
As formas das letras.....	29	LETRAS SOBRE CERÂMICA	183	O corpus epigráfico de Salas	328
Os glifos	35	LETRAS DE, E EM METAL.....	191	Escrita visigótica librária.....	344
Sem serifas	47	Diplomas militares.....	224	UNCIAIS, AS ROMANAS REDONDAS	352
Composição de texto.....	48	Moedas	228	Versais insulares	364
OS SUPORTES	51	Letras pintadas a pincel.....	230	A primeira Renascença.....	371
De barro a chumbo	52	Letras ornamentadas.....	233	ROMANAS HUMANISTAS.....	374
lateres signati	53	Letras pixelizadas	238	A Segunda Renascença.....	376
Letras de vidro	63	A RÚSTICA	247	Romanas humanistas em Portugal.....	394
PODER E STATUS	73	Rústica lapidar	248	Romanas americanas	406
GRAVAR PEDRA.....	82	A Rústica librária.....	269	A saga da «Trajan»	410
Lapicidas	83	Grafittis de Pompéia.....	274	Epigrafia moderna.....	411
				ROMANAS DIGITAIS	421
				Fontes digitais para representar as Romanas ..	422
				ALFABETO VERSAL	434
				Bibliografia geral	458
				Links	463
				Índice Remissivo	464
				Os autores	467



Graffiti – letras pintadas como uma trincha nos muros das vivendas de Pompeia, uma grande cidade romana que foi soterrada pelas cinzas do vulcão Vesúvio, no ano de 79 n.E. ([página 275](#))

CARAS LEITORAS E CAROS LEITORES!

Há cerca de 2.700 anos, os Latinos começaram a usar um tipo de letra que nós hoje chamamos "letra romana". Desenvolveu-se assim um alfabeto que hoje nos serve diariamente: no jornal, no noticiário, nos letreiros espalhados pelos espaços públicos, por toda a parte. O nosso alfabeto é muito semelhante ao dos Romanos, a esse nosso antepassado devemos a estética, a legibilidade e as diferentes formas da nossa Escrita. Para quem estuda as letras ou para quem as desenha, o alfabeto romano é imprescindível. Contudo, até esta data, ninguém o estudou e publicou em língua portuguesa. É essa grande lacuna que tentamos colmatar.

A Epigrafia é a ciência auxiliar da Arqueologia que estuda as antigas inscrições, sejam que elas tenham sido desenhadas, pintadas, riscadas, gravadas, fundidas, esculpidas, feitas em incisão ou em relevo, aplicadas sobre metal, pedra, madeira, osso, cerâmica, mosaico, vidro ou qualquer outro suporte, durável ou não. Os especialistas não se cansam de explicar as inúmeras contribuições que a Epigrafia tem feito para a Arqueologia, a Linguística, as Ciências Sociais e várias outras disciplinas.

Que o estudo das letras antigas, especialmente o das romanas, também tem sido uma contribuição essencial para a Caligrafia e a Tipografia, escapa à atenção dos epigrafistas, que normalmente não se interessam pelo aspecto artístico do que estudam, nem pela importância que uma lápide de mármore romana possa ter para o Design de Comunicação actual.

Além disso, o arqueólogo que estuda a história dos Romanos, raramente se



La invención de las letras es entre los literatos una cuestión enredosa, llena de obscuridad, é interminable. Semejantes indagaciones suelen traer consigo mucha pérdida de tiempo, muchos dolores de cabeza, y poquísima, ó ninguna utilidad. La obligación de un Escritor, es instruir con sosiego a los Lectores, dando pocas pruebas, pero buenas, y demostrativas, de lo que escribe; de lo contrario gastara el tiempo en formar castillos de niños, para derribarlos después.

Reflexiones sobre el Abecedario General Gothico. *Escuela Paleographica o de leer letras antiguas desde la entrada de los godos en España hasta nuestros tiempos / dispuesta por el P. Andrés Merino de Jesu-Christo, Religioso de las Escuelas Pías.* Madrid. D. Juan Antonio Lozano, impresor de S.M., 1780.

VERBA VOLANT
SCRIPTA MANENT

interessa pela Renascença ou pelo século 21. Faltam abordagens multidisciplinares. A missão deste livro é, de certo modo, construir uma ponte entre os estudos epigráficos «clássicos» e os estudos feitos por designers para perceber as formas gráficas e a estética das letras romanas.

A Epigrafia clássica (sobre)valoriza as inscrições que são exemplares únicos, elaborados pela mão experiente do artífice que concebe a paginação e desenha as letras. Neste livro daremos também protagonismo às inscrições repetidas, que os Romanos conseguiam facilmente fazer usando moldes, estampas e punções.

Deste modo se imprimiam curtos trechos de texto, marcas e «logótipos» em peças de cerâmica, por exemplo. Este tipo de inscrições repetidas pelo uso de um molde alertam-nos para o facto que uma parte importante da economia romana se baseava na produção em série. Para quem produz ou usa Tipografia, é inevitável conhecer muito bem estes padrões, pois hoje, o alfabeto latino – com algumas extensões e regionalizações – é o sistema de escrita mais utilizado no mundo.

A selecção de lápides aqui apresentadas incide especialmente sobre o património arqueológico visível em Portugal e Espanha.

Porque pensamos que alguns leitores terão a motivação de ver, por si próprios, a beleza

do gravado nessas pedras, disfrutando um prazer que é difícil de captar em palavras. Agradecemos aos seguintes museus a possibilidade de fotografar peças dos seus espólios: Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa), Museu Nacional de Arqueologia (MAN, Lisboa), Museu da Cidade (Lisboa), Museu de Mértola (Baixo Guadiana, Portugal), Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra), Museu de Braga, Museo de Arte Romano (Mérida, Extremadura), Museu de Cartagena, Museu Provincial de Badajóz, Museu de Évora, Museu Monográfico de Conimbriga, Museu de Sevilha, Museu de Oviedo, Museo de Tarragona, Museo Romano y Ergástula de Astorga (León, Espanha) Museo de León, Museo Epigrafico de Roma. Também foram incluídos exemplos fotografados na Itália, França, Alemanha, Reino Unido, África, etc. Agradeço em particular ao British Museum ter posto à nossa disposição uma série de excelentes fotografias.

Se o leitor detectar erros ou gralhas, pede-se que o comunique ao autor: pheitlinger@gmail.com

Boa Leitura!

Paulo Heitlinger



GLOSSÁRIO

Alfabeto fonético. Um conjunto de signos com valor fonético. Os alfabetos fonéticos (fenício, grego, etrusco, romano, etc) possuem vantagens significativas. Permitem grande simplificação no número de símbolos, uma vez que com poucas letras, combinadas entre si de várias maneiras, é possível reproduzir uma enorme quantidade de sons de uma língua. Em segundo lugar, as letras não se prestam a interpretações dúbias, permitindo reproduzir uma linguagem falada, oral. Como cada letra corresponde a um som (simplificação), possui um significado que se mantém inalterado seja qual for a sua posição dentro da palavra ou na estrutura da frase que integre. Isto permite a construção de mensagens precisas. O alfabeto romano é o mais conhecido dos alfabetos fonéticos; tem uma grafia com minúsculas e com maiúsculas.

Calamus. Cálamo. Instrumento parecido a uma caneta, usada para escrever sobre papiro e pergaminho.

Ceræ. Tabuinhas cobertas com cera, para escrever curtos textos.

Cinzel. Ferramenta usada para esculpir (gravar) letras, signos e figurações em lápides de pedra.

Beatus. Designação dada às cópias do Comentário ao Apocalipse feito pelo monge Beato de Liébana (são conhecidos 34 manuscritos); o original já tinha sido dotado de imagens, mas estas foram ganhando maior relevo nas sucessivas cópias, destacando-se por uma iluminura exuberante que lhes dá

particular significado no conjunto da iconografia hispânica dos séculos 10–12. Nos *Beatus* assistimos às últimas aplicações da Versal visigótica libraria.

Codex. Códice. Um livro manuscrito formado por um grupo de cadernos de folhas de pergaminho ou de papel. Este tipo de organização dos textos impôs-se no século I n.e. Ao contrário do *volumen* em uso até essa época, um longo rolo que exigia uma leitura contínua, o códice (ou *codex*) permite aceder directamente aos capítulos, folheando as páginas (estrutura de texto e hierarquia de conteúdos dos livros modernos).

Por extensão, o termo *codex* é usado para colecções de leis, como o *Codex Theodosianus*, por exemplo.

Capitalis. Tipo de letra formado exclusivamente por maiúsculas.

Corpus. Catálogo comentado. Colecção de registo e documentação de inscrições.

Ducto. Modo, ritmo e inclinação da caligrafia. Qualidade do traçado, sequência dos traços que formam letras e palavras.

Epigrafia (do grego *επιγραφή*) é a disciplina que estuda as inscrições antigas, ou «epígrafes», gravadas em suportes (tais como a madeira, rocha, ossos, metal), visando obter a decifração, interpretação e classificação das inscrições. Embora também estude os estilos epigráficos usados nas moedas e similares, na realidade o estudo especializado das inscrições que aparecem sobre estas são matéria da Numismática.



Escriba (romano). Uma pessoa encarregada de redigir e anotar textos, por vezes uma espécie de secretário. No Império Romano, muitos «trabalhadores intelectuais» pertenciam à classe servil: escribas, secretários e bibliotecários.

Iluminura. Desenho, pintura ou ilustração decorativa, elementos muito comuns em livros caligrafados à mão. O tamanho desses elementos gráficos era variável. Frequentemente, uma pequena iluminura era integrada nas letras capitulares que iniciam os capítulos. Os artistas iluministas desempenharam um ofício significativo no contexto da Arte tardo-romana e medieval; alguns atingiram grande mestria. Um manuscrito

iluminado seria estritamente decorado com ouro ou prata, mas usa-se o termo «iluminura» para qualquer decoração em texto escrito ou impresso. Depois da era medieval, a arte da Iluminura foi continuada durante a Renascença.

Incipit designa a página inicial de uma parte do livro.

Lapicida. Artista ou artesão que grava letras em pedras. Em inglês: stonecutter.

Librária. Diz-se de um tipo de letra desenvolvido para a caligrafia, para ser aplicado em documentos manuscritos. Por oposição a «lapidar», que é o género de letra gravado em lápides.

Ligadura. Junção de dois ou mais glifos, formando um glifo novo. Estas junções são feitas por razões de estética e/ou pela vontade de compactar textos.

Maiúsculas. Letras versais. Expressão equivalente a «caixa alta», na Tipografia. No alfabeto latino existem as seguintes maiúsculas:
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

Minúsculas. Expressão equivalente a «caixa baixa», na Tipografia. Letras com ascendentes e descendentes. abcdefghijklmnopqrstuvwxyz.

Moldes eram frequentemente usados para dar forma a peças de cerâmica e vidro, mas também para «imprimir» letras nas superfícies das peças moldadas.

Monumentos epigráficos distinguem-se pelo material usado como suporte (mármore, granito, xisto, gesso, mosaicos, etc.), e pela tipologia e decoração. Conhecemos tipos diferentes: bloco, placa, estela, miliário, cipo, ara, mosaico.

Ordinator. Artista ou artesão que faz o desenho preparatório para uma epígrafe, definindo a forma e o tamanho das letras, o seu alinhamento, espaçamento e demais características. Realizava um trabalho similar ao designer gráfico de hoje.

Paleografia. Disciplina que estuda a história e a tipologia dos sistemas gráficos das escritas antigas, a sua decifração, autoria, etc. Foi o beneditino francês Bernardo de Montfaucon, em 1708, o primeiro a usar no título de uma obra, a palavra Paleografia. Assinalou então para cada um dos códices descritos, o tipo de letra usado, tratou de identificar o autor e juntou algumas outras informações de natureza vária.

Desgraçadamente, esta disciplina é muitas vezes praticada sem conexão com a Epigrafia. Deste modo, alguns especialistas estudam documentos antigos sem os relacionar com as inscrições epigráficas da época. Embora se aplique aos textos antigos, com o desenvolvimento dos estudos de crítica textual e genética, o âmbito da Paleografia alargou-se aos manuscritos modernos e contemporâneos.

Papiro. Suporte de escrita, realizado a partir das fibras secas da planta papiro. [\(página 298\)](#)

Pergaminho. Pele de animal (vitelo, carneiro, cabra), tratada e seca para ser escrita ou impressa de ambos os lados. A partir do século 4 n.E., o pergaminho começou a substituir o papiro como suporte para a escrita; inúmeros códices foram escritos sobre este suporte. A partir do século 13, o pergaminho começou a ser substituído pelo papel.

Pergaminho velino (vitela uterina): pergaminho feito com pele de vitelos não nascidos; muito boa qualidade, branco e fino.

Romanas. Nome genérico dado às letras tipográficas contemporâneas derivadas das antigas letras usadas pelos Romanos. Distinguem-se, na Tipografia, as romanas humanistas (ou renascentistas), as chamadas «de Transição», as Barrocas, as Neo-clássicas, as «Modernas», etc. Uma das mais famosas «Romanas» modernas é a Times New Roman [\(página 408\)](#).

Stilus. Estilete. Instrumento pontegudo, usado para riscar letras sobre tabuinhas cobertas de cera.

Scriptorium, literalmente, um escritório existente nos mosteiros medievais, onde artesão treinados (copistas) copiavam manuscritos e decoravam esses livros com iluminuras. O scriptorium era o necessário complemento das bibliotecas monásticas.

Versais. Veja: Maiúsculas.

Versaletes: Versais pequenas. Na Tipografia moderna: letras com as formas típicas das maiúsculas, mas com as dimensões das minúsculas.

Volumen. Forma primitiva do livro, um longo rolo de papiro ou pergaminho. O rolo de texto é ainda usado, por exemplo, na prática religiosa judaica – o *rolo da Torah*.

ABREVIATURAS E SINAIS

CORPORA

CIL. Emil Hübner, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, Berlim, 1869 e 1892.

CILA. Corpus de Inscripciones de Andalucia

CLA. Codices Latini Antiquiores

ILER. Vives, José. *Inscripciones Latinas de la España Romana*. Barcelona, 1971 e 1972.

IRCP. José d'Encarnação, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984.

SINAIS USADOS

/ Separação das linhas.

[] Reconstituição de letras que desapareceram.

() Desdobramento de abreviaturas e siglas, bem como indicação por extenso do valor dos numerais.

(---) Abreviatura ou sigla não desdobrada.

[[]] Damnatio memoriae.

{ } Supressão de letras gravadas por erro.

< > Inclusão de letras que erradamente não haviam sido gravadas no suporte. Letras corrigidas de uma cópia ou de um manuscrito pouco fiável.

+ Letra que não pode ser identificada.

[...] Lacuna de texto que não pode ser reconstituída, mas cuja extensão é determinada: cada ponto representa uma letra.

[---] Lacuna de texto de extensão indeterminada, numa linha ou em parte dela, mas cuja existência é segura.

--- Indicação de que a primeira linha conservada não corresponde (segura ou supostamente) à primeira linha original.

--- Indicação de que a última linha conservada não corresponde (segura ou supostamente) à última linha original.



Letras riscadas em barro.
Museu Monográfico de
Conímbriga, Portugal.
Foto: ph.



371



372

Inscrições fragmentadas,
expostas no Museu
Monográfico de Conímbriga.

FRAGMENTOS



373

INTRODUÇÃO

Nas seguintes 400 páginas vou confrontar o leitor com um património cultural que consiste, na sua grande maioria, de fragmentos. Trata-se de um legado que começou a ser formado há aproximadamente dois mil e trezentos anos. Não admira portanto que a maioria das epígrafes aqui mostradas nos tenha chegada danificada – essencialmente, partidas ou mutiladas pela acção das culturas que sucederam ao Império Romano e que destruíram monumentos, estátuas, lápides, mosaicos – cidades inteiras. Contudo, os sucessores aos Romanos quase sempre tiveram a consciência que as letras formadas nessa época eram perfeitas, belas, legíveis. E trataram de as copiar, reproduzir e adaptar. Hoje, basta sair à rua e comprar um jornal, para reencontrar as letras dos Romanos.

A Tipografia mecânica, que começou por fundir letras do feitio das Góticas, em poucas décadas mudou de padrões estéticos, passando a preferir as formas renascentistas da Romana. Ilustres tipógrafos, como Aldus Manutius, Nicolas Jenson e Claude Garamond reinterpretaram com sucesso as esplêndidas formas da Escrita aperfeiçoada pelos Romanos. As seguintes gerações continuaram a trabalhar esse legado. No século 17, praticamente todos os países da Europa produziam livros aos milhares,

todos eles impressos em belas Romanas. Apenas os países de cultura alemã, que tinham aderido à reforma religiosa propagada por Lutero e Calvino, continuaram a usar os padrões da Gótica. O Protestantismo renunciou às Romanas para preferir a Fraktur.

Em Portugal, as tipografias romanas não foram especialmente bem cuidadas. Dado à falta de um mercado livreiro suficientemente amplo – havia poucos letrados, publicavam-se poucos livros e o peso obscurantista do Catolicismo abafava a evolução cultural – foram-se importando caracteres móveis da França, da Holanda e do Reino Unido. Deve-se à iniciativa do francês Jean Villeneuve a introdução da fundição de tipos metálicos em Portugal, durante o reinado de João V, que nunca teve problemas em financiar a cultura com o ouro que pilhava nas minas do Brasil. A produção de letras romanas *made in Portugal* ficou reservada para o século 20, quando alguns (poucos) *typeface designers* começaram a desenhar fontes tipográficas par usar em computador. Entre elas, gostaria de salientar a bela fonte *Andrade*, da autoria de Dino dos Santos, cujo alfabeto de maiúsculas mostro ao lado. Chegamos assim, ao fim da fragmentação, realizando de novo, de forma coerente, aquilo que os Romanos faziam diariamente – desenhar belas letras.

A B C D E
F G H I J K
L M N O P
Q R S T U
V W
X Y Z

EPIGRAFIA ROMANA

AAAAB))<
 QQQRRR
 BBIXXJY
 YVWWM
 VVW0179
 92411VY+

AAAABBC
 CDDDEEIIF
 I'CHIKLΛ
 NN0000
 ΓΓQQQRR
 RSTVXZ

ΛABCD
 EFGHIKL
 MNNN
 OOPQ
 RSTVX

ABCDE
 FGHK
 LLΛN
 OΓQR
 STVX

ABCCD
 EFGHIK
 LMNO
 ΓPQRS
 TVX

AABCD
 EFGHIK
 LMMNN
 OPQRRS
 TVXYZ



Fragmento epigráfico de grandes dimensões. Museo Epigrafico, Roma, Itália.
Foto: ph.

A PRIMEIRA LETRA GLOBAL

No século I a.n.E, finalizando uma lenta evolução percorrida ao longo de 700 anos, os Romanos usavam um alfabeto versal muito semelhante ao nosso, no qual faltavam apenas as letras **J, V, W e Z**.

Os Romanos não só desenvolveram o «nosso» alfabeto, com os seus valores fonéticos, mas também a forma das letras, a sua estética e até as suas relações recíprocas – os espaçamentos entre as letras que hoje se chamam *tracking* e *Kerning*, assim como os melhoramentos ópticos e contracções designados por *ligaduras* ([página 36](#)).

No decorrer do século I a.n.E., as formas das letras em inscrições romanas alteraram-se radical e permanentemente. Substituindo as letras monolineares (hastes de grossura constante) começam a aparecer cada vez mais frequentemente formas com modulação, ou seja, com nítidas diferenças entre traços fortes e finos.

Surgem letras serifadas, surge a Capitalis. Esta mudança de padrão estético tem sido justificada com mudanças nos suportes, pois passou a usar-se mármore em vez de pedras mais brandas. Mas também os Gregos, já quatro séculos antes, gravavam as suas letras sobre mármore, e faziam belas letras pequenas, geométricas, sem serifas e monolineares.

O que provocou a grande mudança foi que a tradição caligráfica romana existente – arte de alta sofisticação e qualidade –, penetrou no universo das letras gravadas em

pedra. William Richard Lethaby (retrato ao lado), o fundador da Central School of Arts and Crafts, formulou em 1912:

«Os caracteres romanos que hoje são as nossas letras – embora as suas primeiras formas nos tenham chegado apenas em versões gravadas em pedra – devem ter sido escritas com um pincel largo e duro, ou ferramenta comparável (*flat, stiff brush, or some such tool*).

A disposição de traços fortes e finos, e também o feitio exacto das formas curvas, foram produzidos por uma ferramenta manejada com gestos rápidos. Penso que as grandes inscrições monumentais foram desenhadas *in situ* por um mestre calígrafo, e em seguida cortadas na pedra por um gravador, sendo a gravação apenas a fixação do escrito.»



Poucos anos depois de Lethaby ter formulado estes significativos comentários, foram descobertas as pinturas murais de Pompeia, que as cinzas do vulcão Vesúvio tinham conservado intactas.

A í se pôde confirmar a excelente escrita rápida (*rapid writing*) da qual Lethaby falara. Mais tarde, o epigrafista norte-americano Edward M.

Catish iria novamente confirmar o comentado por Lethaby. Mas será importante fixar que o estudioso britânico falava das «grandes inscrições monumentais». Neste livro, falaremos destas, mas também de muitas outros estilos de letras romanas, que terão sido desenhados de outro modo, seguindo outros padrões estéticos e beneficiando de outros processos de execução, adaptados a outros suportes.



Alfabeto latim arcaico, com letras de grossura constante e de traçado simples. Digitalização do autor.

Os Romanos usaram, quase sempre em paralelo, sete diferentes tipos de letra.

- I. A *Capitalis Monumentalis* era eleita para figurar em epígrafes de pompa e circunstância, para celebrar datas importantes, conquistas, feitos militares, chefes políticos e divindades.
- II. A *Capitalis Quadrata*, variante manuscrita da Capitalis lapidar, era usada para todos os documentos importantes, escritos com um cálamo sobre papiro ([página 298](#)). A poesia e a prosa literária escreviam-se com a *Quadrata*.
- III. A *Capitalis Quadrata condensada*, que proporcionava economia de espaço.
- IV. A *Rústica*, letra de ducto muito caligráfico, quase sempre condensada, também proporcionava economia de espaço; pintava-se em paredes, esculpia-se em pedra, gravava-se em metal (por exemplo, para escrever *diploma militaris*) e escrevia-se em documentos de papiro.
- V. Para a grafia de documentos menos importantes, muitas vezes feitos à pressa, riscava-se a *Cursiva* em tabuinhas de cera ou de madeira, usando um estilete (*stilus*). Esta tinha as características de uma minúscula, com hastes ascendentes e descendentes.
- VI. Para cunhar marcas e logótipos, usaram letras de formas simplificadas, *geométricas*, com pouca modulação na grossura das hastes, muitas vezes *sem serifas*, ou com *serifas muito pequenas*.
- VII. Além disso, desenvolveram uma *anotação taquigráfica*.



Imagem e texto: saliente-se que em muitas lápides se conjugavam elementos escultóricos ou pictóricos com as letras.

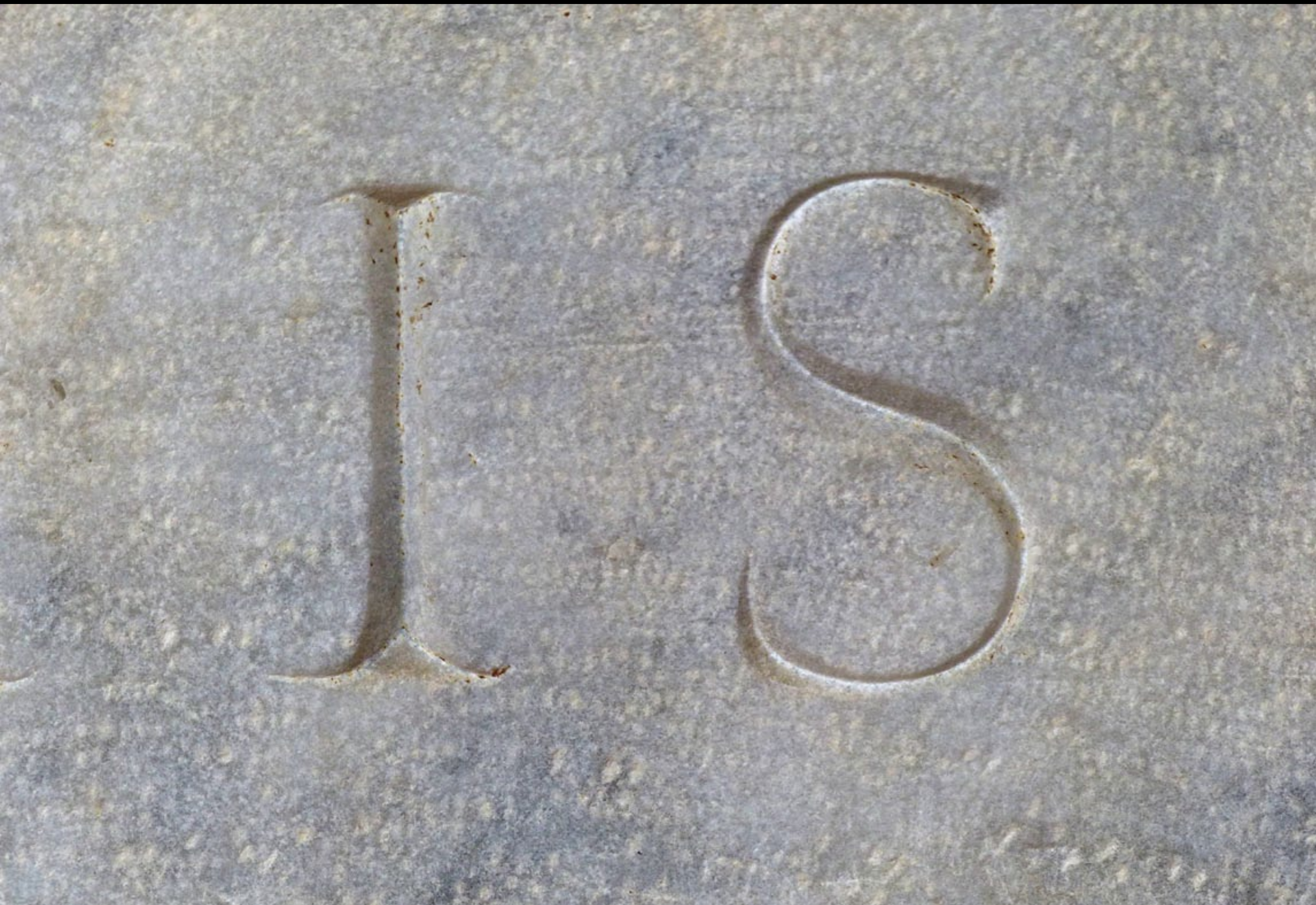
A expansão à escala mundial

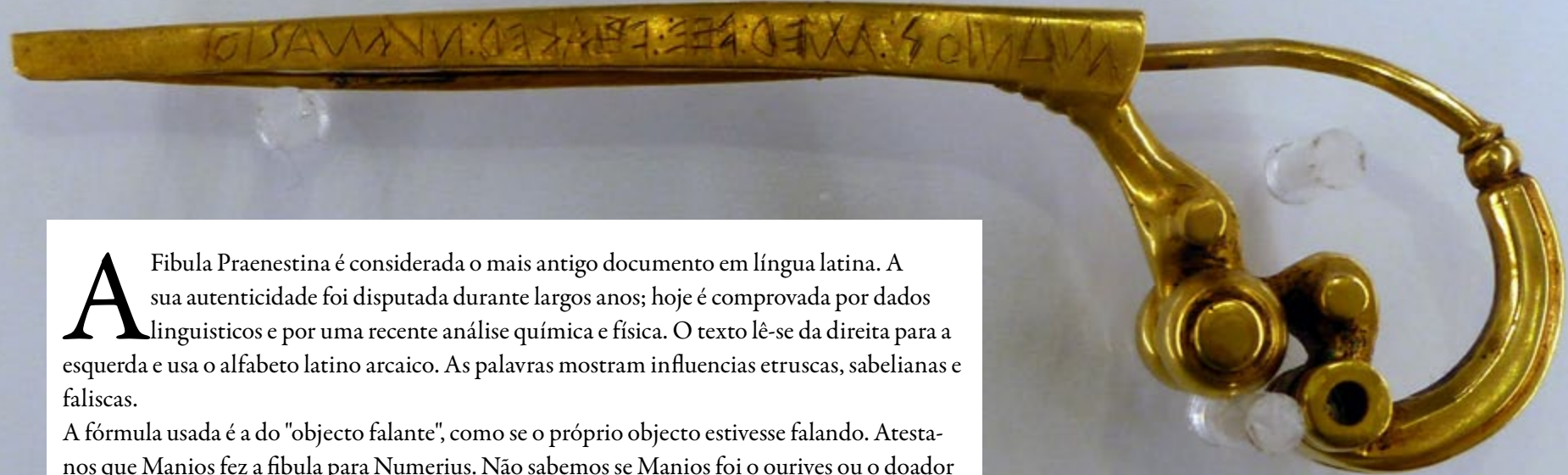
No sistema político e colonial que foi o maior, o mais potente e o mais duradouro império da Antiguidade, os Romanos impuseram a *primeira letra global*. Nos vastos territórios ocupados durante séculos, as letras romanas substituíram quase todos os outros sistemas de escrita autóctones (só o

grego foi tolerado). Conhecemos, por exemplo, lápides em língua lusitana, mas grafada com letras latinas. O alfabeto latino é utilizado para escrever a língua portuguesa, as línguas da Europa Ocidental e Central. Através do latim falado pelos invasores, o alfabeto latino expandiu-se com o Império romano. Na metade oriental do Império, incluindo a Grécia, a Ásia Menor, o Ponto e o Egipto, continuou-se a usar o Grego como língua franca, mas o Latim foi falado na metade ocidental do Império.

As línguas românicas – castelhano, francês, provençal, catalão, português, galego e italiano – evoluíram do Latim e continuaram a usar o alfabeto latino. O alfabeto latino disseminou-se entre os povos germânicos do Norte da Europa durante a propagação do Cristianismo. Na Idade Média, entrou em uso entre os polacos, checos, croatas, eslovenos e eslovacos, assim que estes adoptaram o Catolicismo; os eslavos orientais adoptaram em geral o Cristianismo Ortodoxo e o alfabeto cirílico. As línguas bálticas (lituano e letão), assim como o finlandês, o estoniano e o húngaro, também usam o alfabeto latino.

Com a colonização ultramarina, os idiomas castelhano, português, inglês, francês e holandês disseminaram o alfabeto latino pelas Américas, Austrália, partes da Ásia, África e Pacífico.





A Fibula Praenestina é considerada o mais antigo documento em língua latina. A sua autenticidade foi disputada durante largos anos; hoje é comprovada por dados linguísticos e por uma recente análise química e física. O texto lê-se da direita para a esquerda e usa o alfabeto latino arcaico. As palavras mostram influências etruscas, sabelianas e faliscas.

A fórmula usada é a do "objecto falante", como se o próprio objecto estivesse falando. Atesta-nos que Manios fez a fibula para Numerius. Não sabemos se Manios foi o ourives ou o doador do objecto. A foto mostra uma reprodução em ouro, a fibula original pertence ao Museo Preistorico Etnografico L. Pigorini. Roma, Itália. Museo Epigrafico, Roma. Foto: ph.

O LATIM

O Latim é uma língua indo-européia do ramo itálico. Foi originalmente falada no Lácio (Latium), a região à roda de Roma. Foi profusamente disseminada na Europa, como língua oficial da República Romana, do Império Romano e da Igreja Católica. Por ser uma língua altamente flexiva e sintética, a sua sintaxe é variável, se comparada com a de idiomas analíticos como o Português. A sintaxe é indicada por uma estrutura de afixos ligados a temas.

O Latim exerceu uma enorme influência sobre diversas línguas, ao servir de fonte de vocábulos para a Ciência, para o mundo académico e o Direito. O Latim vulgar é o nobre antepassado das línguas neo-latinas (italiano, francês, espanhol, português, romeno, catalão, romanche e outros idiomas e dialectos); muitas palavras adaptadas do Latim foram adoptadas por línguas modernas, como o inglês. O facto de haver sido a língua franca do mundo ocidental por mais de mil anos é prova da sua enorme influência.

O Latim ganhou grande importância por ser o idioma do antigo Império Romano. Foram muitas as influências do Grego no Latim. Durante os séculos depois da queda do Império Romano, o Latim continuou a ser utilizado na Europa como língua culta. É caracterizado por ser uma língua flexiva. No caso dos substantivos e adjectivos a flexão é denominada declinação, e, no caso dos verbos, conjugação.

O lugar ancestral da língua latina corresponde ao Vetus Latium, uma região muito menor do que hoje é a Itália. Estava limitada pelo rio Tiber a norte, pelo curso baixo do rio Anio a nordeste, pela cadeia dos Apeninos a leste, pelo território Volsciano ao sul e pelo Mar Tirreno a oeste. Quando a influência militar de Roma aumentou, a língua latina também se difundiu, tanto nas cidades como nas zonas rurais, mesmo que com características dialectais próprias.

Uma série de datas marcam a expansão de Roma e com elas a sua língua: em 241 a.C. a Sicília tornou-se província romana; em 238 a.C. também a Sardenha e a Córsega; em 197 a.C. a Hispânia; em 146 a.C. a África; em 167 a.C. a Ilíria; em 120 a.C. a Gália Meridional; em 50 a.C. a Gália Setentrional; em 15 a.C. a Récia e por último, em 107 d.C. sob o imperador Trajano, a Dácia.

A mais antiga evidência epigráfica latina é a *Lapis Niger*, que foi encontrada em 1899. Está datada entre os séculos VI e V a.n.E. A escrita em bustrofédon e a sua leitura continua sujeita a debate. Mesmo as palavras estando claras, por estarem fragmentadas, complica-se sua interpretação. Parece ter um carácter jurídico-religioso a julgar por algumas palavras. A escrita é intermediária entre o alfabeto etrusco e o latino. Exposta no Museo Epigrafico, Roma, Itália. Foto: ph.

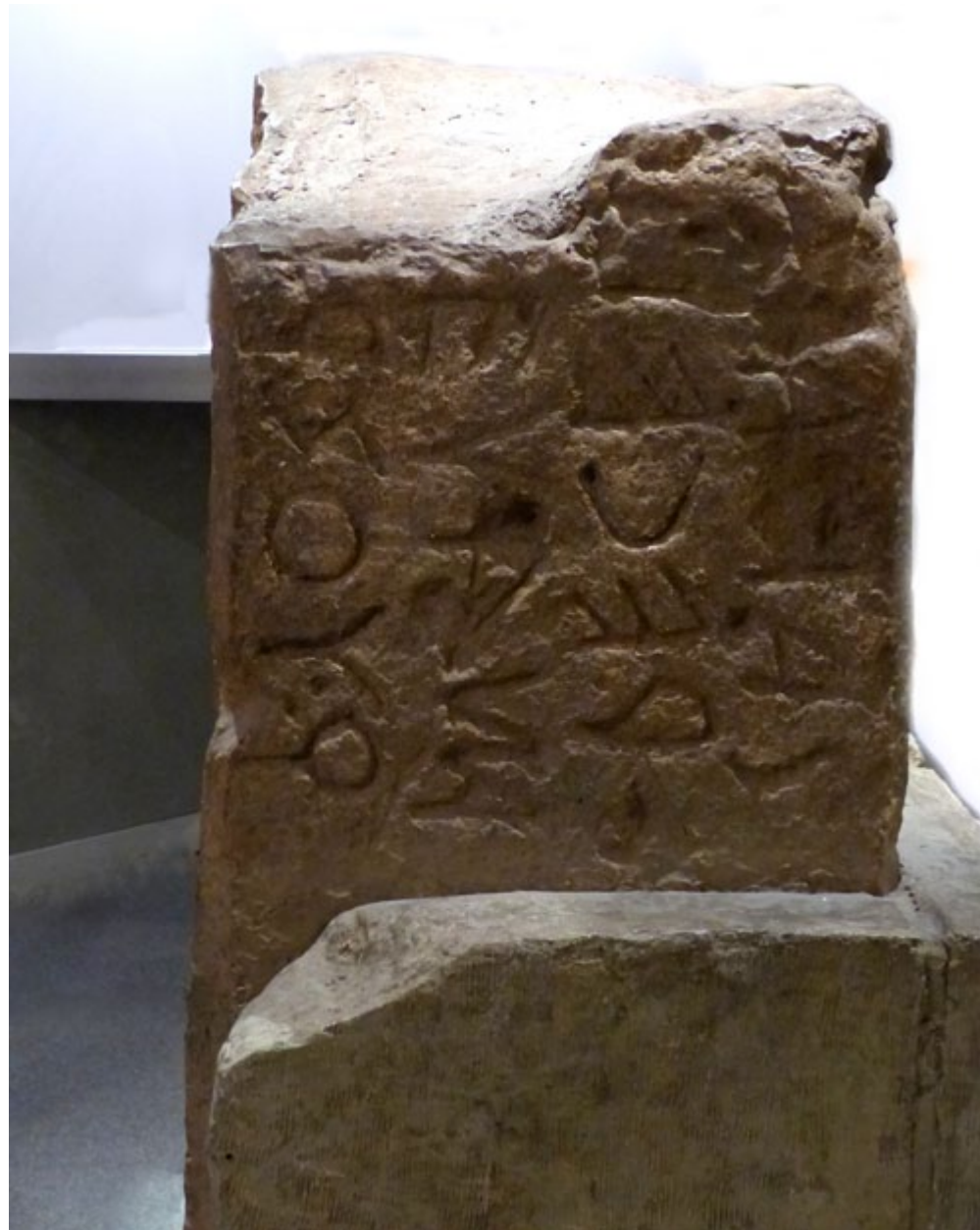


O próprio nome de Roma não só não é latino como também provavelmente seja indo-europeu, derivado do gentílico etrusco Ruma, sendo o adjectivo *latinus* um derivado do topónimo Latium (que pode significar comarca plana em oposição à montanhosa Sabina). Já a palavra Itália não é de origem latina, mas sim grega, significando touro.

Havia dois tipos de Latim falados até à Idade Média: o Latim clássico, falado pelos romanos mais cultos e pelos moradores da área de Roma, sendo o mais complexo, e o Latim vulgar, que era falado por soldados e pelos povos que foram dominados pelos Romanos, uma vez que os soldados se mantinham mais tempo nesses locais e eram encarregados de impor a Língua latina aos colonisados. Essa variante do Latim tornou-se a mais falada em todo o vasto Império Romano. Em contacto com dialectos locais, originou várias línguas, como o Português, o Espanhol, o Francês, o Romeno. Historicamente os períodos podem ser assim divididos:

- Pré-clássico, do século VII a.C. até ao século II a.C.. As inscrições mais antigas procedem do século VII a.C. Nos séculos III e II a.C. surge a Literatura, sob influência grega (Plauto, Terencio).
- Clássico, do século II a.C. até ao século II d.C. A idade dourada da Literatura latina.
- Latim Vulgar, incluindo o período patrístico, do século II até ao V n.E. Onde se inclui a Vulgata de São Jerónimo e as obras de Santo Agostinho. Este Latim Vulgar é a essência do Italiano actual.

Lapis Niger: letras arcaicas latinas, expostas no Museo Epigrafico, Roma, Itália. Foto: ph.



- Período Medieval, do século VI ao século XIV.

A literatura latina continua, mas surgem as línguas românicas.

- Do século XV até agora. Redescoberta do Latim no Renascimento. O Latim continua a ser usado pelos eruditos até o século XVII, como Isaac Newton, e pela Igreja Católica (obrigatório até meados do século XX).

Geralmente, as populações submetidas desejavam elevar-se culturalmente adoptando o Latim. Roma conseguiu fazer prevalecer o Latim sobre o Etrusco, o Osco, o Umbro, o Gálico, e apenas sobre parte do Grego, cujo prestígio cultural era maior. As populações submetidas, antes de perderem a sua língua em favor do Latim, atravessaram um período de bilinguismo; de facto, algumas das línguas pré-romanas tiveram no território romanizado considerável vitalidade durante muito tempo. E essas línguas deram uma cor específica a cada língua neo-latina surgente, e permanecem presentes em topónimos dessas regiões até hoje.

O alfabeto utilizado no período clássico consistia de 23 letras maiúsculas:

A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T V X Y Z

Note que à época a letra V representava o som /u/)



Capitalis Monumentalis. Um dos mais belos fragmentos de lápide romana no Museo Epigrafico, Roma, Itália. Foto: ph.

LÁPIS NÍGER

O Lápís Níger está localizado em Roma. O Lápís Níger (em latim: "pedra negra") é um antigo santuário no Fórum Romano. Assim como o Vulcanal, (santuário dedicado a Vulcano), é um dos dois últimos remanescentes do Comício, a área de assembleia que precedeu o Fórum. Acredita-se que seja derivado de um local sagrado ainda mais antigo, do século VII ou VIII a.n.E.

O pavimento de mármore negro do século I a.C. e o muro de cimento que cerca o local, do início do século XX, estão sobre uma antiga tumba ou um altar e um bloco com uma das mais antigas inscrições latinas conhecidas (c. 570–550). O monumento e o santuário podem ter sido construídos por Júlio César durante sua reorganização da área do Comício e do Fórum. É possível também que tenham sido construídos uma geração antes, por Sula, durante um dos seus projectos de construção à volta da Cúria Hostília. O local foi descoberto e escavado entre 1899 e 1905 pelo arqueólogo Giacomo Boni.

Mencionado em descrições antigas do Fórum, remontando à época da República Romana e aos primeiros dias do Império Romano, a importância do santuário de Lápís Níger era misteriosa mesmo para os romanos tardios. O santuário foi construído sobre um local sagrado anterior e objectos muito mais antigos foram encontrados 1,5 metros abaixo do actual nível da rua. O nome "pedra negra" pode ter sido uma referência a um bloco de pedra negra ou uma referência ao mármore negro do piso. Localizado em frente da Cúria Júlia, esta estrutura sobreviveu por séculos por causa de uma combinação entre o tratamento reverencial que recebeu e a falta de espaço na região no início do Império.



Cipo (pedestal) preservado no Museu Epigrafico, nas Termas de Diocleciano, em Roma.

Acredita-se que o local onde está a Lápís Níger remonte à época da Monarquia de Roma. A inscrição faz referência a um rei (rex ou rex sacrorum), uma posição do início do período republicano. O significado original do templo perdeu-se, e surgiram uma série de histórias contraditórias sobre sua origem. A Lápís Níger marcava ou o túmulo do primeiro rei de Roma, Rómulo, ou o túmulo de Hóstio Hostílio, avô do rei Túlio Hostílio, ou o local onde Fáustulo, pai de Rômulo, foi morto em combate. Os primeiros textos a fazerem referência ao local consideram-no como um "suggestum", onde os primeiros reis de Roma falavam para a multidão no

Fórum e para o Senado. Dois altares eram comuns durante o início do período romano e no final do período etrusco.

Em 2008, fortes chuvas danificaram o cimento que protegia o Vulcanal e seus monumentos desde a década de 1950, inclusive a Lápís Níger. A Lápís Níger passou por diversas encarnações. As versões iniciais foram destruídas pelo fogo ou durante saques da cidade e acabaram enterradas sob as lajes de mármore negro. A versão original, escavada em 1899, incluía incluía um cone truncado de tufo (possivelmente um monumento) e a porção inferior de um pilar quadrangular (cipo), com uma inscrição em Latim antigo – possivelmente a mais antiga em existência.

Escavações arqueológicas (1889–1905) revelaram vários itens dedicatórios entre os fragmento de vasos, estátuas e restos de sacrifícios de animais à volta de um local de um túmulo deliberadamente colocado ali, todos do período mais antigo de Roma entre os séculos V ao III a.C.

A inscrição no bloco de pedra tem várias características interessantes. As letras parecem-se mais com letras gregas do que com qualquer outro alfabeto latino conhecido e é cronologicamente mais próximo do momento original, no qual os Romanos adoptaram o alfabeto grego da população das colónias gregas na Itália, como Cumas. Além disso, a inscrição está escrita em bustrofedon, ou seja, alternando entre o sentido da direita para a esquerda e da esquerda para a direita. O significado do texto é difícil de traduzir, pois o começo e o fim se perderam e apenas de um terço a metade de cada linha sobreviveu. Aparentemente trata-se da dedicação do santuário a um rex (rei) e as maldições que seriam lançadas sobre os que ousassem perturbá-lo.

Muitos linguistas consideram o uso de glifos fonéticos (com ou sem diacríticos) o sistema mais funcional de escrita.

No entanto, a maioria das línguas ocidentais que adoptaram o alfabeto latino não são «foneticamente correctas», já que o mesmo som pode ser representado por caracteres diferentes (**C**, **Q** e **K**, por exemplo) ou dois sons diferentes pelo mesmo carácter (i de **min**istro e i de **ide**ia).

Uma experiência frustrante para qualquer criança portuguesa que aprende inglês (ou vice-versa) é constatar que até às simples vogais são associadas sons diferentes. Estas ambiguidades diluem o aspecto racional do alfabeto latino.

Para atenuar este efeito, introduziram-se mais *diacríticos*, acentos fonéticos que servem para alterar a pronúncia de certas letras, consoante o idioma para o qual são empregues. 🗿

São muito escassas as representações do *alfabeto grego* na região hoje portuguesa – autênticas raridades. Placa funerária patente em Mértola. Foto: ph.





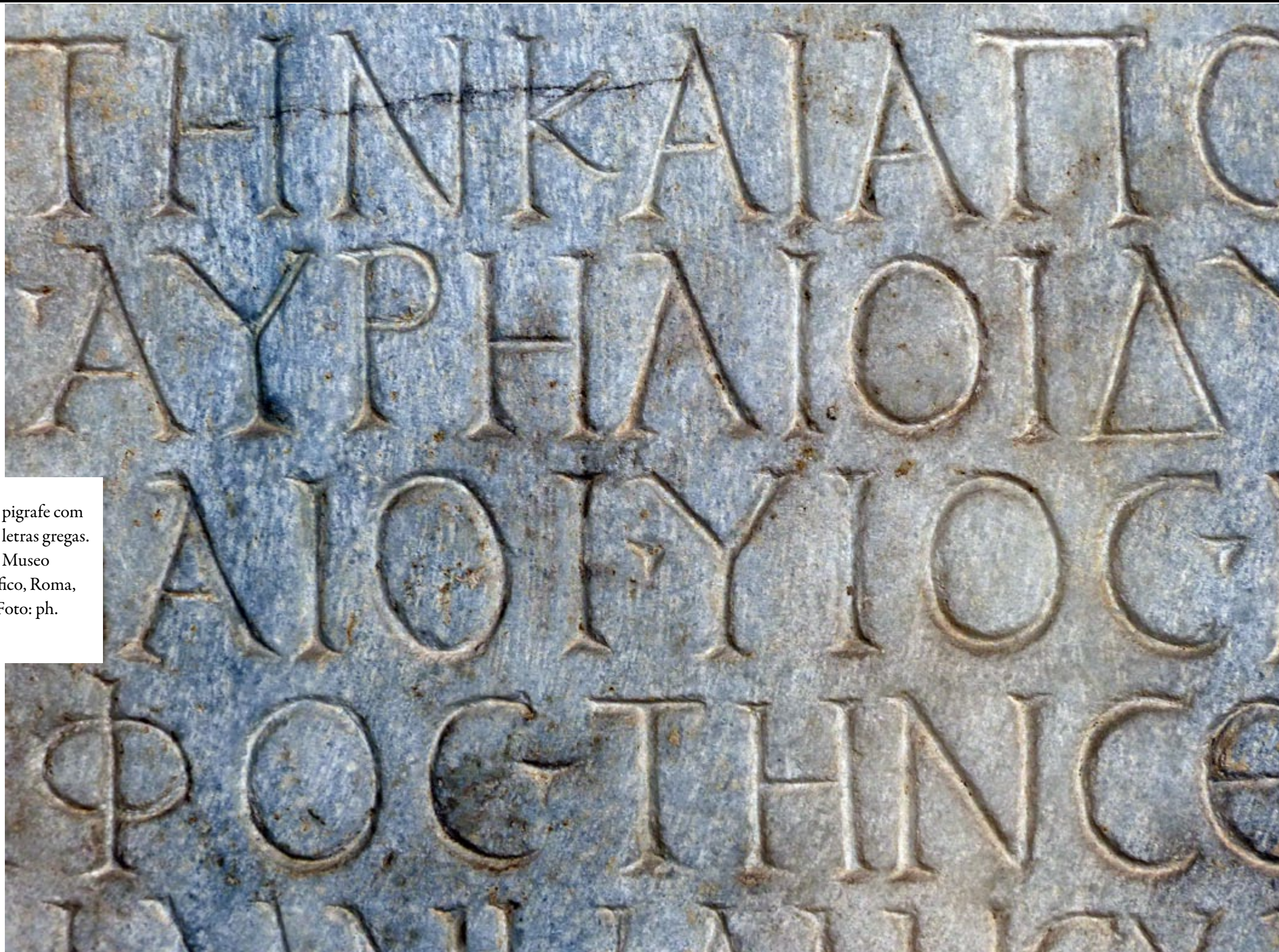
Lápide funerária, gravada com
letras gregas. Museu de
Mértola. Foto: ph.



Dois fragmentos de inscrições gregas. Mértola, Alentejo, Portugal. Fotos: ph.



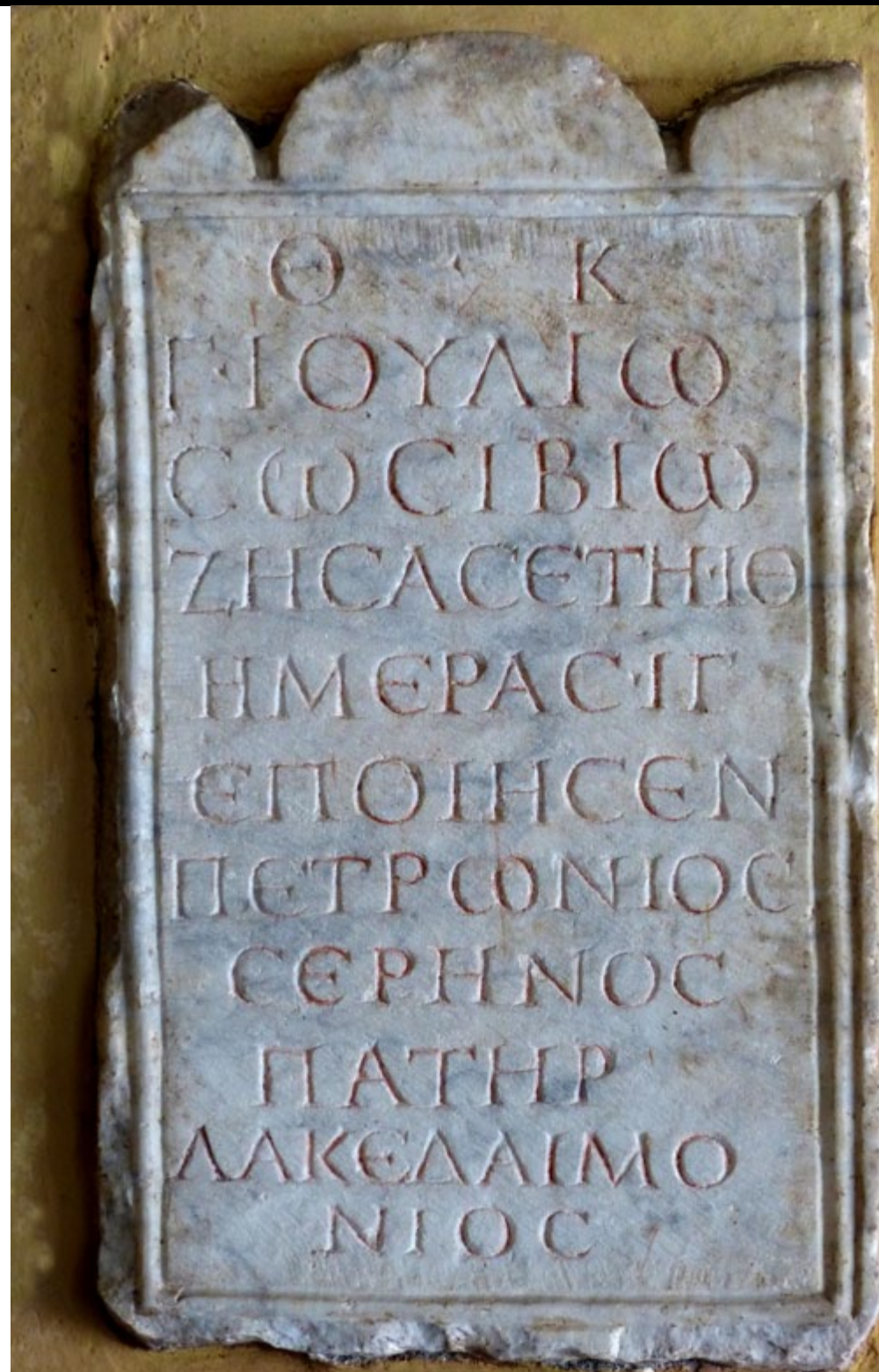
Epígrafe com
letras gregas.
Museo
Epigrafico, Roma,
Itália. Foto: ph.



Incrisao em lingua grega.
Museo Epigrafico, Roma, Itália.
Foto: ph.



Lápide para um cozinheiro (cocus)
Museo Epigrafico, Roma, Itália.
Foto: ph.



Basicamente, as formas e as proporções das letras romanas «clássicas», concretamente, as da Capitalis Monumentalis, inserem-se em formas geométricas simples.

A a sua tipometria orienta-se pelas formas quadrado, triângulo e círculo. Num quadrado, ou no triângulo que cabe nesse quadrado, cabem o V, A, X, O, N, H, C, G, D e T.

Outras letras ocupam metade desse quadrado; são essas o E, F, S e L. Algumas letras são mais largas que esse quadrado – o M – e uma é mais estreita que metade do quadrado: o I. P, B e R ocupam posições intercalares. O Q tem um valor próprio, devido à sua cauda. Todas estas indicações são valores aproximados.

A criatividade dos artesãos produziu numerosas variações, de modo que é inútil fixar «cânones absolutos». 🐣



As formas da Capitalis Condensada (em campo vermelho) apresentam, em geral, $\frac{3}{4}$ a $\frac{2}{3}$ da largura da Capitalis Monumentalis (em campo cinzento escuro).

A tipometria desta variante alta e esguia orienta-se pelas formas geométricas rectângulo, triângulo e elipse. 🐼



AS FORMAS DAS LETRAS

O carácter geral das letras versais romanas lapidares (*Kapitalschrift*, alemão; *capitals*, inglês) deve-se ao facto de que estas letras ditas maiúsculas se formam pela conjugação de linhas direitas, horizontais, verticais e diagonais – com a excepção de algumas letras de origem mais antiga, de formas curvas. Dentro deste quadro geral, as diversas épocas, as diferentes formas de monumentos epigráficos e os diferentes suportes deram origem a uma apreciável gama de variações. Dentro desta enorme panóplia de formas, poderão ser distinguidos os seguintes grupos:

A. Letras versais de formas irregulares e toscas, sem alinhamento preciso dos traços horizontais e verticais; as distâncias entre as letras também não são cuidadas. De modo geral, aqui os traços são de grossura constante; ou seja, as formas não apresentam modulação.

Os terminais não são cortados, nem apresentam os acabamentos próprios das letras serifadas.

Este grupo poderá ser subdividido em:

A. 1. Letras versais arcaicas, da época em que a letra não mostrava origens caligráficas.

A. 2. Uma letra de características semelhantes, mas já praticada nas épocas depois da influência caligráfica nos padrões das letras. Estas letras mostram formas detorieradas pelo desleixo, pressa e incompetência



...letras versais arcaicas, da época em que a letra não mostrava origens caligráficas.
Lapidário do Museo de León, Espanha. Foto: ph.

na execução dos lapicidas, assim como pela escolha inapropriada dos suportes, e demais condicionantes.

2. Uma letra versal de formas regulares e de evidentes qualidades estéticas. De modo geral, as inscrições são feitas num único padrão de letra, ou, por vezes, numa equilibrada construção incluindo, por exemplo, uma Capitalis Monumentalis e uma Capitalis Condensada. Não faltam exemplos, também na presente documentação, de combinações desse género. Estes magníficos exemplos são típicos dos últimos séculos da República Romana. Durante os reinados de Trajano e Adriano, encontramos as mais cuidadas e brilhantes execuções lapidares da letra formada caligráficamente, de formas quadradas – as *litterae quadratae*.

Antes e depois da Era dos Antoninos (Nerva, Trajano e Adriano), observamos uma letra mais alongada (condensada); na primeira fase cavada mais profundamente na pedra, na segunda mais superficial. Com a degeneração do gosto e das qualificações dos artistas e artesãos, a qualidade caligráfica da escrita lapidar piora. No que toca as inscrições em monumentos públicos, a letra é, de modo geral, de melhor qualidade. É óbvio que, também nas fases de excelência, se detectam suficientes exemplos de má qualidade; alguns quisemos incluir na escolha feita para a presente documentação. As características das letras de alta estética traduzem-se na uniformidade e regularidade das linhas direitas e curvas; assim como nas distâncias observadas entre elas (o que hoje se traduz no conceito de *Kerning*) e nas justas proporções da largura e da altura. Na modulação, é importante as relações do contrastes entre traços finos e grossos...



Lápide funerária exposta no Museu de Évora. O facto de esta inscrição ter sido realizada sobre um lápide de xisto dificultou seriamente o trabalho do lapicida. Mais do que gravadas, as letras foram riscadas neste material pouco adequado ao propósito.
Foto: ph.

Nesta categoria das letras versais mais conseguidas, mais bem proporcionadas e bem formadas ainda podemos diferenciar:

- 1) Letras quadradas;
- 2) Letras oblongas, condensadas;
- 3) largas;
- 4) inclinadas.

Dentro deste quadro – discutível, sem dúvida – existem uma quantidade de aberrações: letras invertidas, da esquerda para a direita, ou mesmo de cima para baixo. Letras com hastes alongadas, na tentativa «pós-modernista» de embelezá-las. Ou simplesmente letras mal-feitas, conforme estão documentadas na publicação «Cultura Visigótica», do mesmo autor.



Nesta página: inscrições pautadas por linhas auxiliares.



Lápide funerária de Públio Júlio Tangino.
Século I n.E. Achada em São Pedro do Corval (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal), exposta no Museu de Évora. ME 1812.
P(UBLI) IULI G(AI) F(ILII) / GAL(ERIA) TANG/INI AN(NORUM) L H(IC) S(ITUS) E(ST) S(IT) T(ABI) T(ERRA) L(EVIS)
O facto de esta inscrição ter sido realizada sobre um lápide de xisto dificultou seriamente o trabalho do lapicida.
Mais do que gravadas, as letras foram riscadas neste material pouco adequado ao propósito.
Fotos: ph.

Exemplo de letras mal concebidas e mal executadas. Nesta pedra, acumulam-se erros de alinhamento, de kerning e de orientação do eixo das letras. Execução grosseira do «Y».

Lápide funerária romana para Galla, em exposição no Museu Arqueológico Nacional, Lisboa. Foto: ph.

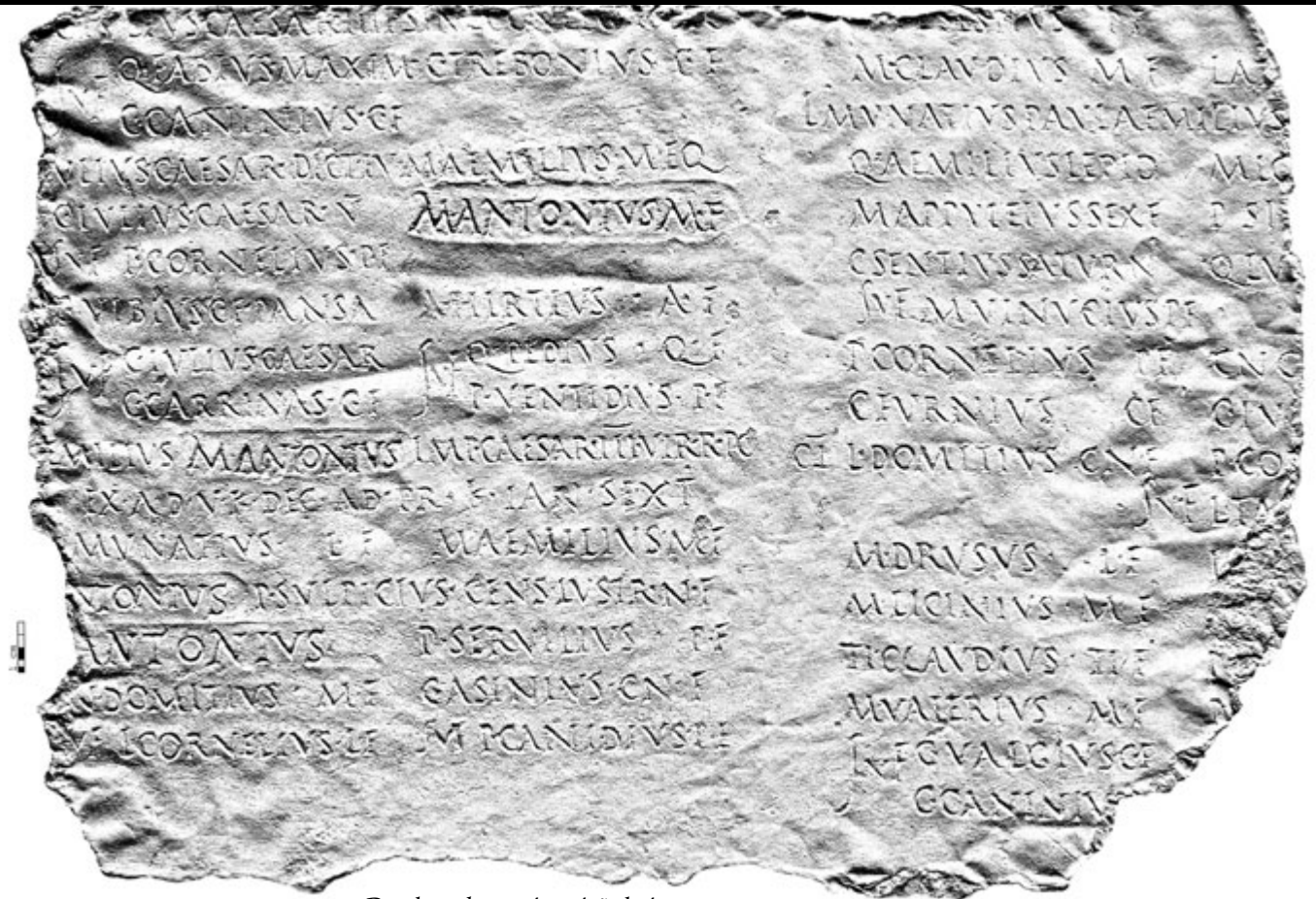




O tamanho das letras não é um critério para a qualidade da sua execução. Esta pequena inscrição assim o demonstra. Museo Epigrafico, Roma, Itália. Foto: ph.

O decalque de inscrições latinas e gregas (*latin squeeze, rubbing, paper impression*, inglês; *cliché, estampage en papier mouillé*, francês; *Abklatsch*, alemão) tem sido uma técnica amplamente usada para reproduzir inscrições da Antiguidade. Quando ainda não era comum (ou difícil) fazer a fotografia de uma dada inscrição, os epigrafistas recorriam a esta técnica de decalque sobre papel húmido para obterem reproduções em negativo. Infelizmente, esta variante da técnica foi feita sem coloração do papel (*ink rubbing*, como o faziam os Chineses), de modo que resulta difícil obter os contornos exactos de cada uma das letras de um texto. O que resulta útil para um epigrafista, é pouco proveitoso para um desenhador de letras...

Emil Hübner, ([página 417](#)) na sua pequena publicação *Über mechanische Copieen von Inschriften* (1881), sintetizou as vantagens assim: *Eigenart und Tiefe der Schrift in den Inschriften, lässt in weit vollkommener Weise als die Photographie die dritte Art der mechanischen Reproduktion von Inschriften erkennen, nämlich der Papierabdruck, gemeinhin der Abklatsch, von den Franzosen empreinte oder jetzt gewöhnlich estampage, uneigentlich auch calque, von den Engländern paper Impression, squeeze oder rubbing genannt. Er ist das eigentlich adaequate, das weitaus beste mechanische Reproduktionsmittel der Inschriften; überall anwendbar, ausser wo der zu grofsee Umfang der Inschriftfläche, oder ihre Unerreichbarkeit für die Berührung mit den Händen, oder endlich Wassermangel hindern.*



Decalque de uma inscrição latina.

As letras das inscrições romanas gravadas em pedra eram pintadas? Preenchidas com côr, para melhor contrastar com as pedras alvas? Existe pouco evidência que nos mostre resíduos de pigmentos nas formas cavadas pelos lapicidas. Tudo indica para que as letras pintadas a vermelho (a cor que se observa mais frequentemente) tenha sido adicionada por antiquários e epigrafistas zelosos. Aliás, o facto que as letras gravadas eram formadas em três dimensões (largura, altura, profundidade) não aponta para que esse efeito fosse aplanado pela pintura, que, necessariamente, reduz as formas das letras a duas dimensões... 𐌶



OS GLIFOS

O alfabeto latino, que foi tomado dos Gregos e dos Etruscos, continua a ser o mais amplamente usado no mundo. A primeira alteração que o alfabeto sofreu, foi a introdução do G para diferenciar os sons /G/ e /K/ – uma iniciativa de Spurius Carvilius Ruga, um liberto que abriu a primeira escola de Gramática em Roma. Nesta época terá sido abandonado o /Z/ dos Etruscos.

Quando a República Romana terminou, depois da conquista da Grécia (146 a.n.E.) as letras gregas Ypsilon e Zeta foram adicionadas ao fim do alfabeto, em forma do /Y/ e do /Z/ – para que os Romanos pudessem escrever adequadamente nomes e palavras gregas.

No século 2 a.n.E. ficou fixado o alfabeto latino de 23 letras, que se manteve sem grandes alterações durante todo o Império: A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, V, X, Y, Z.

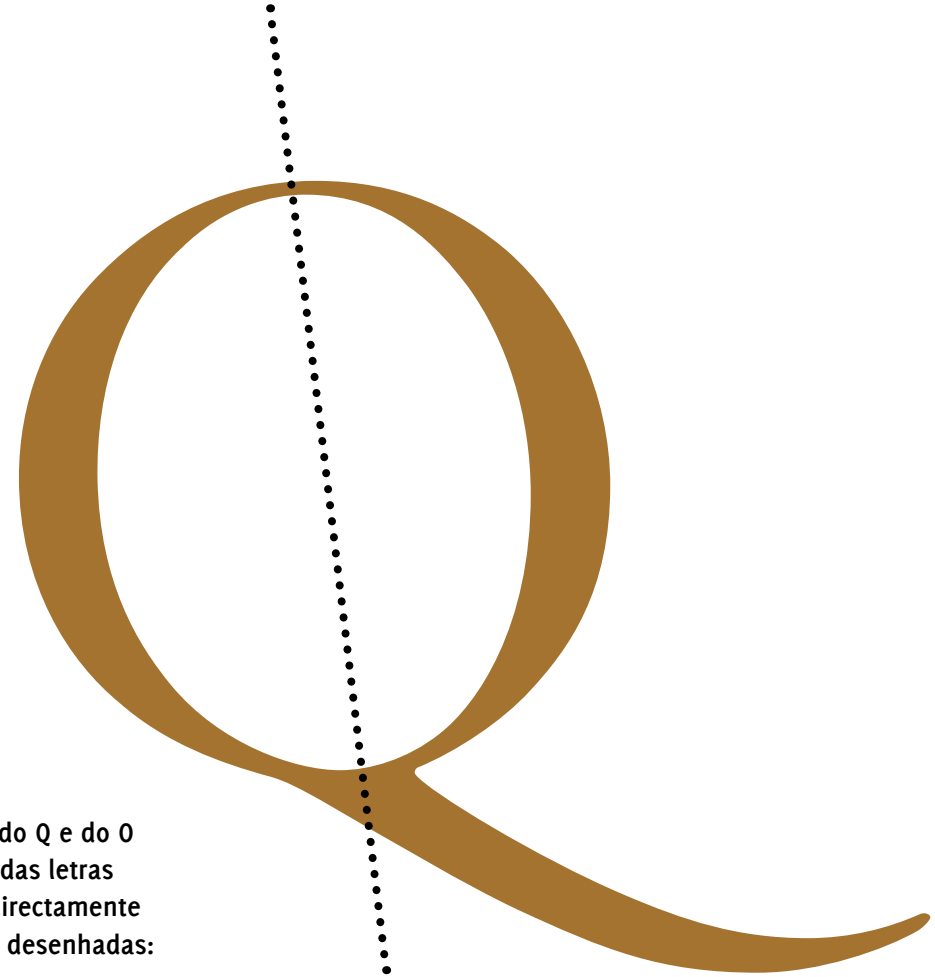
O glifo /V/ corresponde tanto ao som vocálico /u/ como ao consonântico /v/, do mesmo modo que o I representa os sons /i/ e /j/. Em nenhuma inscrição romana vemos as grafias /U/ e /J/. Estas foram introduzidas no Renascimento para distinguir os valores vocálicos dos consonânticos.

A única tentativa séria de alargar o espectro fonético do alfabeto latino foi a iniciativa do imperador Claudio de introduzir três novas letras: o C invertido (*antisigma*) para o som /PS/, um F invertido (*digamma inversum*)

O eixo de inclinação do Q e do O é uma característica das letras romanas derivadas directamente do modo como eram desenhadas: com um pincel largo.

para representar o /Ü/, e meio H (*sonus medius*), para representar o /W/. Estas chamadas *letras claudianas* não sobreviveram o seu inventor. Assim como os Gregos, os Romanos usaram letras para representar os números. Uma barra horizontal sobre a cifra servia para multiplicar por mil, e uma caixa para multiplicar por cem mil.

Nas inscrições também identificamos sinais diacríticos. No latim escrito, o diacrítico denominado *apex* (plural: *apices*) era um acento fonético com a forma semelhante ao nosso acento agudo ('); era colocado sobre as vogais que deviam ser pronunciadas longas. A forma deste acento pode variar, mesmo no contexto de uma só inscrição. O *sicilicus*, com forma parecida ao nosso acento circumflexo, indica que a letra sobre a qual vai posto deve ser lida duas vezes.



Os Romanos usaram a pontuação para separar as palavras – e para fins decorativos, no princípio ou fim da linha. Esta pontuação era colocada a meia altura da linha • A forma de pontuação mais frequentemente empregue era o triângulo com o vértice para baixo; com menos frequência aparecem os quadrados.

No século 1 n.E. aparece a forma de folha *hedera* (hedera *distinguens*), e no século 2 também se usa o círculo.

As formas das letras romanas seguem sim a ortodoxia dum padrão praticado em todo o Império, mas também mostram particularidades regionais e expressão individual, variando segundo o *ordinator* encarregado de traçar as letras sobre a lápide, para depois ser gravada a cinzel.



As letras eram primeiro pintadas sobre a pedra com um pincel mais ou menos largo, segurado diagonalmente. Este método de pré-traçar as formas antes de aplicar o cinzel explica as variações de grossura de traço das letras latinas, a partir da Era Imperial – como no «A» mostrado em baixo. Se também explica a existência, assim como as formas específicas e os alinhamentos das serifas, tem sido um tema muito discutido, mas os especialistas não chegaram a conclusões definitivas.

Caracterizada por três tipos de inscrições – funerárias, votivas e honoríficas – a epigrafia latina do período imperial obedecia a formulários pré-definidos, que constituem indicadores da tipologia das inscrições. Por exemplo: a presença de fórmulas como D.M.S. (consagrado aos deuses Manes), H.S. E. (aqui está) e S. T. T. L. (que a terra te seja leve) não deixa dúvidas quanto ao carácter funerário da inscrição.



Ligaduras romanas.



LUZ E SOMBRA

Note que as letras das inscrições lapidares apresentavam um belo efeito tridimensional, obtido pela gravura na pedra, um corte que tinha necessariamente alguma profundidade. Assim, o aspecto das letras gravadas variava consoante o ângulo de incidência da luz do dia. Porém, quando se transportavam as letras para o gesso liso de uma parede ou para um pergaminho (e mais tarde para o papel), perdia-se este maravilhoso efeito... Foto: ph.





SERIFAS

Um ângulo de iluminação pouco comum põe em evidência o esmerado cuidado posto no traçado das finíssimas serifas. Estas formas terminais tornaram-se um elemento distintivo das mais elegantes letras elaboradas por lapicidas romanos. Museo de la Romanización, Calahorra. Foto: Manuel Ramirez Sanchez.



Evolução das serifas romanas,
segundo a pesquisa de J. Muess.
Da esquerda para a direita: 250-150
a.n.e.; século II a.n.e.; século I a.n.e. Inicial-
mente, as Romanas gravavam-se sem serifas,
como os alfabetos lapidares gregos.



EDWARD M. CATICH

Nascido em 1906 (Stevensville, Montana) e falecido em 1979 (Davenport, Iowa), o padre norte-americano tornou-se uma das mais consideradas personalidades no mundo da Epigrafia e do *Typeface Design*. Docente, calígrafo, ilustrador e lapicida, Catich é especialmente lembrado pela análise das letras romanas inscritas no pedestal da Coluna de Trajano, em Roma. A sua principal tese é que a Capitalis Monumentalis da época augustina foi sempre pré-desenhada com um pincel largo, daí originando as formas características, a modulação do traço e as serifas. Começou como aprendiz do letrista (*sign-writer*) Walter Heberling. Catich formou-se no St. Ambrose College (1931 – 1934) e recebeu o seu Masters em Arte na University of Iowa. Partiu para Roma em 1935 para estudar na Pontifical Gregorian University for Holy Orders, onde também estudou Arqueologia e Paleografia. Aí descobriu a sua vocação para estudar as letras romanas. Fundou o Departamento de Arte da St. Ambrose University e aí fez docência durante 40 anos, até à sua morte em 1979.



Dos apontamentos de Catich: a letra R, pré-desenhada com uma trincha (em verde), pelo ordinator e depois esculpida na pedra pelo lapicida (em vermelho).

PLANEAMENTO E COOPERAÇÃO

A produção de um texto epigráfico na época romana foi um processo mais ou menos complexo, que constava, na maior parte dos casos, das seguintes fases:

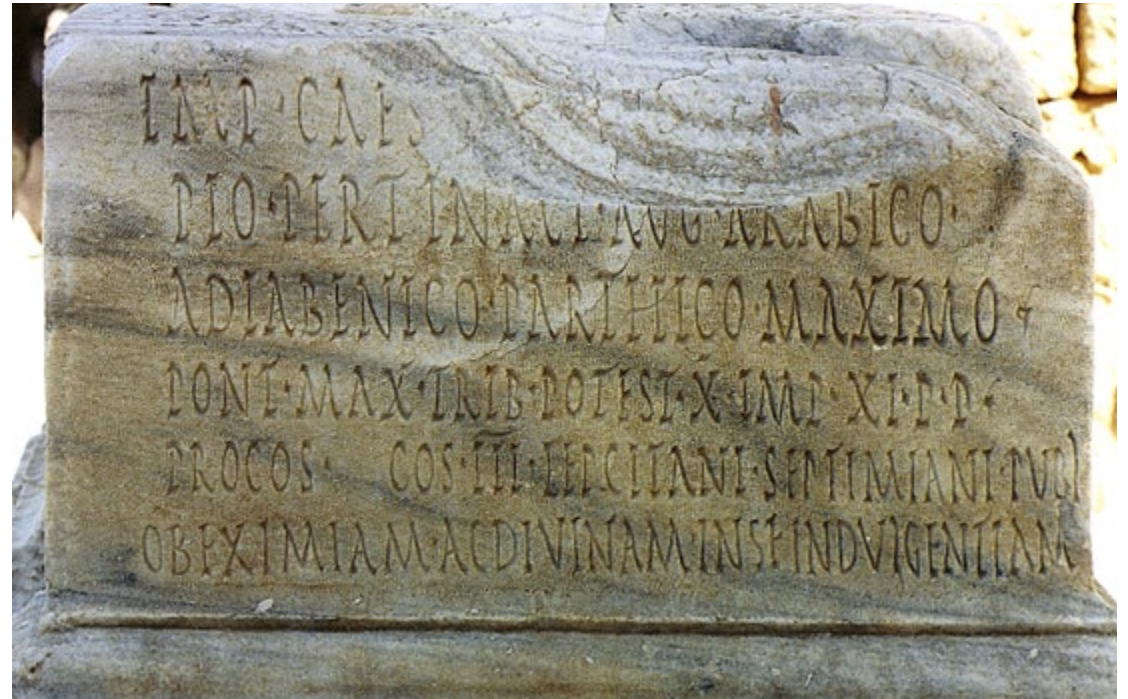
- Redacção prévia do texto sobre papiro ou outro material. Provavelmente elaborado com a caligrafia cursiva, a que os romanos chamavam *forma*.

- *Ordinatio*, ou seja, o traçado das linhas auxiliares horizontais, e o traçado das letras da inscrição com um pincel (brocha), uma ponta de metal, ou um carvão. Este trabalho de esquisso era feito pelo *ordinator*, que também era responsável pela paginação, a disposição das letras, seus tamanhos, etc.

- incisão definitiva da inscrição pelo lapicida, que gravava na pedra (mármore, grauaque, granito, xisto) com um cinzel ou uma goiva. Esta descrição, demasiado sumária, não precisa um factor importante: que entendimento e que sintonia havia, de caso a caso, entre o *ordinator* e o lapicida? Que conhecimentos e

que experiência tinha o *ordinator* de Caligrafia, para saber passar adequadamente o ductus caligráfico à incisão da pedra?

Em muitos casos observamos um gravado muito fiel aos padrões caligráficos; noutros casos, o lapicida parece recusar deliberadamente o traçado do pincel e impôr um desenho muito linear, geométrico e com letras de exagerada simetria. ➡



Capitalis Rústica: desenho de letras muito próximo das formas caligráficas.



Desenho de letras muito linear, geométrico e com glifos de exagerada simetria.

Linhas auxiliares são essenciais para garantir um conjunto de letras de tamanho homogêneo.

Já os artifices romanos o sabiam, e para tal, riscavam na pedra dois traços auxiliares para cada linha de texto: a linha de base (*baseline*, na Tipografia moderna), e a altura das maiúsculas. Em trabalhos de gravado realizados mais apressadamente, esses traços não eram apagados. Tarragona.

Foto: ph. 2

U]lpiae fil[iae] / [---]A mater.
Roman Museum em Butchery
Lane, Canterbury, Kent. Foto:
Linda Spashett.

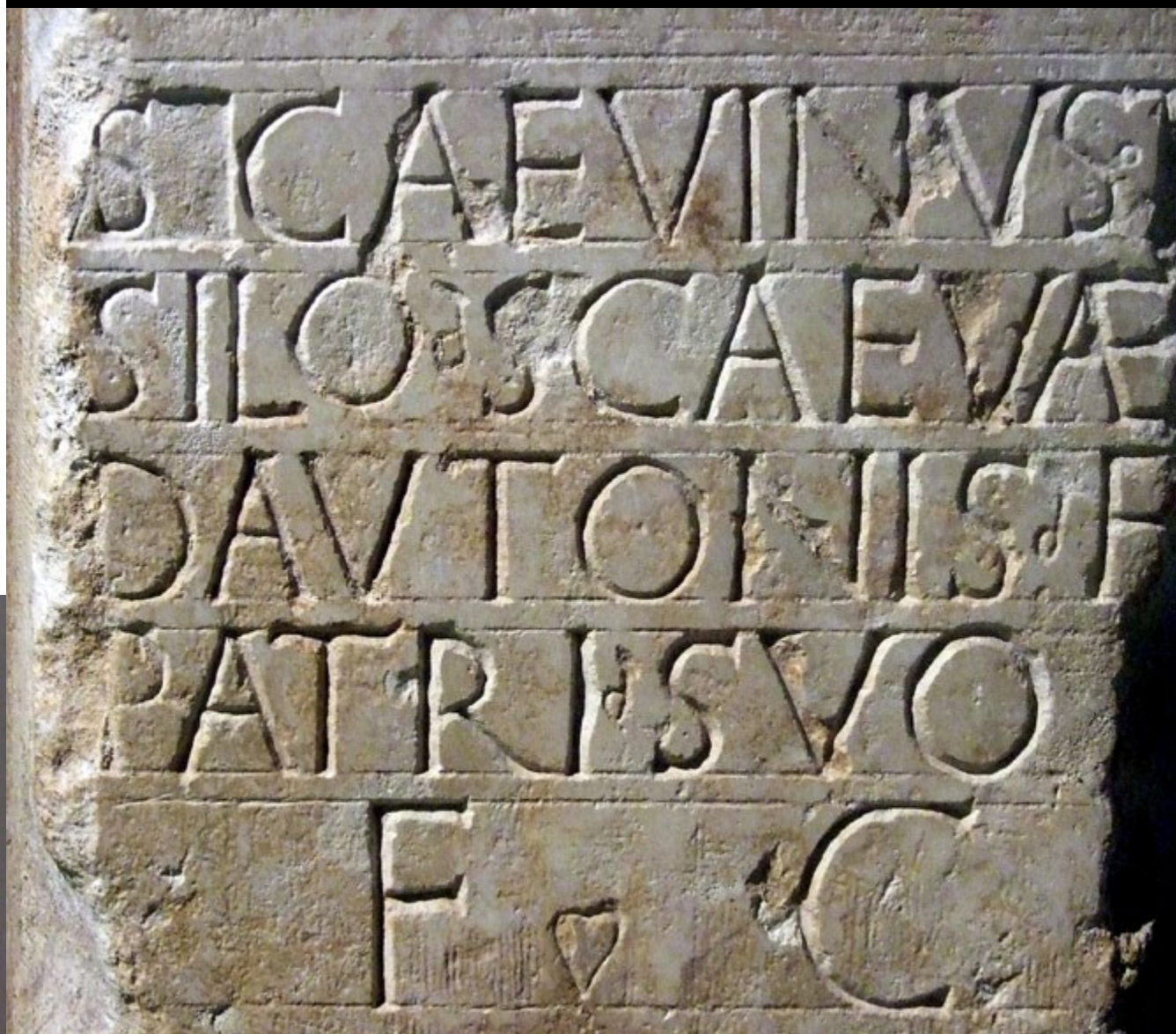


Capitalis quadrata. Em trabalhos mais toscos, como este mostrado no Museu Monográfico de Conímbriga, o *lapidista* exagerou na grossura dos traços auxiliares – o que de pouco lhe valeu, porque o desenho das suas letras não mostra qualidade. Não é exacto, nem belo, nem homogêneo.

Lápide funerária procedente da cidade romana Conímbriga, Condeixa-a-Velha, Coimbra, Portugal.

SCAEVINUS ET / SILO SCAEVAE / DAUTONIS
F(ILIO) / PATRI SUO / F(ACIENDUM)
C(URAUERUNT)

Fotos: ph.



DIFERENTES TAMANHOS

Certas letras, por exemplo o T, I e L, eram ocasionalmente gravadas em tamanhos aumentados (sobrelevados). Observe a forma do T, entre o N e o U. A letra foi ligeiramente aumentada em altura, para permitir melhor espaçamento entre as letras e/ou economia de espaço. Museu de Conímbriga.

AVGVSTO,



Na inscrição ao lado, observa-se o mesmo aumento da altura do T.

GATO CABIRI / F(ILIO) CIVI VIROMAN/
DUO DEMIONCAE / CONIUGI EIUS /
ATHAMAE ET ATRECTO / GATI FILI(I)
S / BIENUS GATI F(ILII)S PIE / DE SUO
F(ACIENDUM) C(URAVIT)

Refer.: CIL 13, 08342 = RSK 00313 =

IKoeln 00417 = AE 1891, 00144

Foto: Elena

